

A HISTÓRIA DAS RELIGIÕES NO CURRÍCULO DA UNIVERSIDADE (*).

JORGE CESAR MOTA

Disciplina: História das Religiões.

Há mais de um século, o famoso historiador, filólogo e arqueólogo, Émile Louis Burnouf escreveu:

"Le siècle présent n'achevera pas sans avoir vu s'établir dans son unité science dont les éléments sont encore dispersées, science que les siècles précédents n'ont pas connue, qui n'est pas même définie et que, pour la première fois peut-être, nous nommons science des religions."

Esta palavras foram escritas pelo diretor da *École d'Athenes* na *Revue des Deux Mondes* (1).

Neste artigo, na realidade um resumo de aulas dadas na Disciplina em que o autor tem a honra de trabalhar, junto ao Curso de História Antiga e Medieval, no Departamento de História da Universidade de São Paulo, o leitor terá a ocasião de ver confirmadas as previsões de Burnouf.

Sir William Cecil Dampier, na sua admirável síntese da *História da Ciência*, escreveu que a ciência tem de admitir a validade psicológica da experiência religiosa.

"A humanidade enferma, diz Dampier, precisa de imagens com que revestir sua visão, e cria rituais, aceita dogmas, teologia ou mitologia. Tais sistemas poderão ser verdadeiros ou falsos; porem a permanência da religião não depende de nenhuma espé-

(1). — RDM LIV (1864), pág. 521.

(*). — Este trabalho foi escrito em homenagem ao Prof. Reverendo Jorge Bertolaso Stella, precursor, entre nós, dos estudos sobre História das Religiões.

cie de doutrinas. Estas são submetidas à crítica histórica, filosófica ou científica, e frequentemente saem da liça mal feridas; porem a verdadeira religião é algo mais profundo, fundado na rocha inexpugnável da experiência direta. Alguns são daltônicos e não podem distinguir as cores, outros se extasiam na contemplação dos magníficos matizes da aurora. Alguns não possuem o sentido religioso; outros, todavia, vivem na glória transcendente de Deus, e nela respiram e têm toda a sua existência" (2).

Como dizia Marc Bloch,

"pour faire une science, il faudra toujours deux choses: une matière, mais aussi un homme. La réalité humaine (...) est enorme et bigarrée" (3).

Bloch cita Michelet:

"Si je n'avais fait entrer dans la narration que l'histoire politique, si je n'avais point tenu compte des éléments divers de l'histoire (religion, droit, géographie, littérature, art, etc..) nous allure eût été tout autre. *Mais fallait un grand mouvement vital, parce que tous ces éléments divers gravitaient ensemble dans l'unité du récit.*" (4).

Assim se exprimava, com este e outros exemplos, o grande mestre e modelo de historiadores num belo livro, infelizmente inacabado, que respira espiritualidade desde a primeira página da Introdução. Por ele se vê bem quão amplamente se confirma o lugar de relevo que o conhecimento da fenomenologia religiosa ocupa nas preocupações do historiador.

À Universidade, pois, competirá o dever de oferecer os meios mediante os quais se torne possível a pesquisa e o ensino nessa área específica, sem a qual é impossível compreender o homem.

Pois bem, trinta anos antes das palavras de Burnouf, isto é, em 1833, segundo G. van der Leeuw (5), a primeira cátedra universitária de História das Religiões instalou-se em Basileia, na Suíça. Nela, Johann Georg Müller lecionou regularmente a matéria durante o semestre de verão de 1827 das 6 às 7 da manhã, e tal foi o sucesso do curso que daí para diante passou a fazer parte integrante do currículo

(2). — *História de la Ciencia*, Tradução espanhola, Madrid, 1950, págs. 629-630.

(3). — Marc Bloch, *Apologie pour l'Histoire ou Métier d'Historien*, Armand Colin, 1952, pág. 72.

(4). — *Ibidem*, pág. 78.

(5). — *Fen. de la Rel.* Edição espanhola, pág. 665, n° 16.

da Universidade. Alguns anos mais tarde, criava-se a cadeira da nova disciplina na Universidade de Genebra, primeiro, como era natural, na Faculdade de Teologia, no curso de 1868/69, e depois na de Letras, em 1895 (ou 1873 segundo van der Leeuw) (6).

Surge, então, um nome de mais alta importância na nossa ciência: Friedrich Maximilian Müller, mais conhecido por Max Müller. É ele considerado por uma grande autoridade, Jean Réville, o "pai da história das religiões" (7). Nasceu Max Müller na Alemanha, em Dessau, em 1823. Aconselhado pelo Prof. Brockhaus, da Universidade de Leipzig, dedicou-se, em 1841, ao estudo do Sânscrito, adquirindo a base indispensável para as pesquisas no campo da filologia comparada a que, animado pelo grande sábio Bopp, de Berlin, viria a consagrar-se a partir de 1844. Dois anos depois, em Paris, estudando filologia com Burnouf, primo do acima citado, foi por este notável pesquisador persuadido a utilizar o método comparativo no estudo da ciência das religiões, tão afim à da filologia.

Transferindo-se, em 1846, para a Inglaterra, país que adotou como pátria, deu início a uma série de estudos no campo das religiões comparadas sem, entretanto, abandonar as suas investigações lingüísticas de que resultaram algumas obras de incontestável valor, como, por exemplo, a *History of Ancient Sanscrit Literature*, publicado em 1859. Forçado a abandonar a cadeira de Sânscrito que ocupava em Oxford, pela única razão de não ser inglês nato, veio a desenvolver, trabalhos anteriormente iniciados sobre mitologia que em 1856 reunirá sob o título de *Essay on Comparative Mythology*. Daí foi fácil, ainda animado pela inspiração de seu velho mestre francês, passar ao estudo das religiões, seguindo sempre o método comparativo que ele próprio e Burnouf, bem como muitas outras renomadas autoridades, como Schlegel, Bopp, Pott, Prichard e Winning, haviam empregado nas pesquisas lingüísticas. Pronunciou conferências e ministrou aulas tanto na Universidade de Oxford, onde fixou residência, como na Abadia de Westminster. Esses trabalhos saíram publicados em 1873 sob o título de *Introduction to the Science of Religion*. Sobre os mesmos temas realizou Max Müller as famosas *Gifford Lectures* de 1888 a 1892. O velho sonho da edição do *Rig Veda*, que, desde Paris, o perseguia, ele o concretizou de forma inesperada e muito mais plenamente do que imaginara. Sob os auspícios da Universidade de Oxford e com o apôio da Rainha Vitória e do Príncipe Consorte, conseguiu publicar a bela tradução do *Rig Veda* em 1848, mas, a partir de 1875, data em que deixou a cátedra de Sânscrito de Oxford, passou Max

(6). — *Op. cit.*, pág. 665, n° 16.

(7). — Jean Réville, *L'Histoire des Religions*. E. Leroux, Paris, 1909, 198.

Müller a publicar um após outro os grandes 51 volumes da monumental obra *The Sacred Books of The East*, graças ao apêio financeiro da Companhia das Índias Orientais e ao prestígio da própria Universidade de Oxford. Um grande número de autoridades colaborou na tradução da literatura religiosa do Oriente, até então acessível apenas aos que conheciam o Pali, o Sânscrito, o Persa, etc.

O estudo científico das religiões foi, pois, incontestavelmente iniciado por Max Müller, e tal foi o interesse despertado nas altas esferas da ciência e da cultura britânica que muitas entidades universitárias e científicas constantemente solicitavam sua colaboração, que ele dava mediante aulas ou conferências. Entre essas organizações citam-se o *Manchester College*, a *Folk-lore Society*, o *Egypt Exploration Fund*, o *Palestine Exploration Fund*, a *Society for Biblical Archeology*, o *University Hall*, de Londres, e muitas outras (8).

Visto como o objetivo deste artigo é traçar o caminho da disciplina da história ou da ciência das religiões nos currículos universitários, não cabe nele falar da evolução metodológica da nova ciência. E, entretanto, oportuno observar que, precisamente em decorrência do caráter universitário que a ciência assumiu, as reações contra a aplicação à história das religiões, do método comparativo utilizado pelos filólogos da época em seu campo específico redundaram no aparecimento, nos diversos centros de pesquisa universitária, de novos métodos que se foram sucedendo até o fenomenológico de nossos dias. Pouco a pouco, mas não sem dificuldades, se foi verificando a impropriedade e inconveniência do uso do método comparativo, que acabou por ser do especial agrado dos apologetas e polemistas religiosos superficiais, e, como escreveu o Prof. Johannes Edward Lehmann, da Universidade de Lund,

"o método comparativo foi deixado aos diletantes e sobrevive nas pregações polêmicas" (9).

Os livros, em grande número, publicados a partir de então tratando da questão metodológica refletiam, de fato, as pesquisas feitas

(8). — Entre os trabalhos que resultaram da extraordinária atividade de Max Müller, podem citar-se *The Origin and Growth of Religion as Illustrated by The Religions of India*, (Hibbert Lectures, 1878); *Natural Religion; Physical Religion; Anthropological Religion e Psychological Religion* (Gifford Lectures, respectivamente de 1888, 1890, 1891 e 1892).

(9). — J. E. Lehmann, *L'evolution de l'histoire des Religions*, in *Revue de Histoire et Philosophic Religieuse*, n.º 6, 1929, pág. 421-427. (Discurso inaugural do V Congresso Internacional de História das Religiões, Lund, agosto de 1929).

nesse campo dentro das universidades, quando não resultavam dos próprios cursos (10).

Na Itália, a partir do mesmo ano das conferências de Max Müller em Oxford (1870), observa-se um crescente interesse em muitos espíritos pelo estudo das religiões históricas, mas tantas foram as dificuldades levantadas contra a instalação de cursos específicos nas universidades, que só meio século mais tarde (1914), se inauguraria a primeira cátedra de História das Religiões nesse país: na Universidade de Bolonha, sob a direção do Prof. Raffaele Pettazzoni, um dos mais jovens professores da Universidade de Roma. Foi substituído pelo Prof. Turchi, autor do primeiro manual realmente científico de História das Religiões (Turin, 1912). Em Roma, onde, desde 1886, o Prof. Baldassare Labanca, antigo professor de Filosofia Moral, da Universidade de Pisa, vinha no seu curso de "História do Cristianismo" abordando problemas de história das religiões em geral (11), só em 1922 a cadeira se instalou. O próprio professor Labanca publicara, já em 1890, um livro abordando a questão: *Difficoltà antiche e nuove degli studi religiosi in Italia*. No comentário que fez a esse livro, o Conde de Alviella ironicamente escreveu que melhor ficaria o título assim: *La mancanza degli studi religiosi nelle università italiane*.

A criação muito anterior da cátedra de "História do Cristianismo" na Universidade de Nápoles resultara do ato do Parlamento italiano, anti-clericalista na época, como se sabe, de suprimir (em janeiro de 1873) as faculdades de teologia que até então eram mantidas pelo Estado. O Prof. Filippo Abignente fora então encarregado da disciplina.

Em 1916 fundou-se em Roma a *Rivista di Scienza delle Religioni*, sob a responsabilidade e com a colaboração dos Professores Pestalozza, Pettazzoni, Salvatorelli, Turchi, Buonavita, Farina e Fracassini. O primeiro da lista, o Dr. Uberto Pestalozza, dava em Milão cursos de História das Religiões, a convite da Real Academia Scien-

(10). — Parte da imensa bibliografia que pode ser encontrada em H. Pinard de la Boullaye, S.J., *L'Étude Comparée des Religions* (2 vols), Paris, 1922; A. Eustace Haydon, *Twenty-five years of History of Religions*, in "The Journal of Religion", vol. VI, 1926, pp. 17-40; Mircea Eliade e Joseph M. Kitagawa (compiladores), *Metodología de la historia de las religiones* (Biblioteca Ciencia e Historia de las Religiones), Paidós, Buenos Aires, 1967.

(11). — Cf. L. H. Jordan, *The Study of Religion in The Italian Universities* (com a colaboração de Baldassare Labanca), Londres, 1909. Esse volume veio complementar o anterior, *Comparative Religion: its genesis and growth*. Edinbourg, 1905. Do mesmo autor, artigo no *American Journal of Theology*, jan. de 1919. Outras fontes informam que a primeira Universidade italiana a possuir a Cadeira foi a de Roma, em 1923, e a segunda, a de Milão, em 1936.

tífico-letteraria. A partir do segundo número (de março-abril de 1916), a revista foi incluída no *Index Prohibitorum* por ser

"órgão de propaganda modernista" (12).

A Universidade de Roma institui em 1926 uma *Scuola di Studi storico-religiosi*.

Na Holanda, o antigo professor de Teologia C P . Tiele foi encarregado, em 1873, do ensino da história das religiões na Universidade de Leyde. Três anos depois, procedendo o governo a uma reforma no ensino superior no país, as faculdades de Teologia deixaram de ficar sob a responsabilidade exclusiva da Igreja Reformada, passando a denominar-se Faculdades de Ciências Religiosas. Quatro Universidades inauguraram seus cursos de história das religiões, a princípio optativas. Tiele, em Leyde; Chantepie de la Saussaye em Amsterdã; Doeds em Utrecht e Lamers em Groningue. Tanto o professor de la Saussaye como o professor Tiele tornaram-se imediatamente conhecidos em virtude dos livros que escreveram. O segundo, que em 1877 foi nomeado catedrático, publicou, em colaboração com o arcebispo Söderblom, de quem logo falaremos, o *Kompendium der Religionsgeschichte*, e de la Saussaye publicou o *Lehrbuch der Religionsgeschichte*, para só mencionar um de cada.

Como consequência da medida do governo, as igrejas confessionais, perdendo o controle da orientação teológica e doutrinária dos futuros pastores, passaram a criar seus próprios seminários, fora das Universidades. Nestas, os cursos, a princípio optativos, como já dissemos, tiveram no começo caráter monográfico. Os dois primeiros versaram sobre a "história da idéia de Deus" e "história comparada das religiões". Breve o programa se ampliou, exigindo novas disciplinas e novos professores. Em 1883, o Departamento de História das Religiões das Universidades da Holanda oferecia os seguintes cursos: 1. — Enciclopédia da Teologia ou Ciência das Religiões. 2. — História das doutrinas relativas à Divindade. 3. — História das Religiões (exceto o Cristianismo e o Judaísmo). 4. — História de Israel. 5. — História da Igreja Cristã. 6. — Literatura Hebraica e Cristã:

(12). — Cf. RHR (*Revue d'Histoire des Religions*), vol. 79, págs. 243-244. É curioso que o Pe. la Boulaye não tenha incluído a história das vicissitudes no ensino de nossa ciência na Itália no seu famoso livro, uma das fontes utilizadas pelo autor deste artigo, e que com justiça é considerado como uma das mais eruditas autoridades sobre a matéria. Tanto mais é de estranhar seu silêncio, quando se sabe que era ele, ao escrever o livro (1922), professor de História das Religiões na Universidade Gregoriana de Roma (Cf. *ob. cit.*, I, pp. 350-354).

do Velho e do Novo Testamento. 8. — História do dogma cristão. 9. — Filosofia da Religião. 10. — Moral.

Como era de se esperar, tal programa provocou severas críticas tanto dos pietistas protestantes como dos católicos ultramontanos e dos liberais (13).

Fosse porque tais estudos exigissem preparação prévia, fosse porque se quisesse estender àqueles que possivelmente não teriam oportunidades de fazer estudos superiores, em muitos lugares no país decidiu-se incluir no currículo dos cursos secundários o ensino das questões religiosas fundamentais. Em Rotterdam, por exemplo, van Hamel vale-se do concurso de teólogos de diferentes igrejas para realizar, nas escolas secundárias, o programa que se segue: 1.º ano. — Estudo geral do fenômeno religioso. 2.º — História da religião de Israel em relação com as religiões dos povos vizinhos. 3.º ano. — Origens do Cristianismo. 4.º ano. — História da Igreja Cristã. 5.º ano — As demais religiões: 1.º semestre — Estudo metódico da religião primitiva, das religiões nacionais, das cosmopolitas. 2.º semestre — Evolução das idéias morais.

Uma análise desse interessante programa revela que a intenção era fazê-lo inscrever-se entre dois polos: o primeiro (no 1.º ano), o fenômeno religioso em seus aspectos gerais; e o segundo (no último ano), as características gerais das diferentes religiões.

Já Zaalberg, nessa mesma ocasião, havia proposto outro programa, que ignoro se veio a ser aproveitado, mas que é igualmente digno de consideração: 1. — Os fundamentos das religiões. 2. — Os costumes religiosos. 3. — Os livros sagrados das diversas religiões. 4. — Os clássicos da literatura religiosa estudados com o objetivo de comparação entre as idéias fundamentais das diferentes religiões (14).

Foi, indiscutivelmente extraordinário o interesse que o estudo do fenômeno religioso, em termos universais, históricos e científicos, despertou nas universidades européias no século dezanove, sobretudo na França. Na Alemanha, as coisas aconteceram doutra maneira, pois só a partir do início do nosso século começaram a aparecer nas suas universidades as matérias relacionadas com a história e a ciência das religiões. Vejamos, antes de mais nada, as razões desses fatos.

Em primeiro lugar, não nos esqueçamos das notáveis tradições filosóficas de ambos os povos e da parte que nelas ocuparam as preocupações religiosas, pelo menos ao seu aspecto teórico.

(13). — RHR, III, pág. 4,5.

(14). — RHR, I, págs. 384-385.

Se tomarmos uma relação de filósofos que refletiram sobre o problema da religião, saltará aos olhos a importância numérica dos alemães e franceses. Examinemos a que nos oferece um especialista, Henry Duméry (15), sem qualquer interesse estatístico. O autor pretende citar alguns nomes de filósofos que

"n'ont pas hésité à porter la reflexion philosophique au coeur de la religion".

Basta, diz ele, enumerar Spinoza, Kant, Fichte, Schelling, Hegel, Bergson, Blondel, Brunschvig e Alain. Temos aí nove filósofos: quatro franceses, quatro alemães, um judeu-holandês (ou português). Reconhecendo que

"a lista poderia alongar-se indefinidamente",

passa Duméry a relacionar os mais importantes que colocaria depois daqueles. Uma relação de vinte e cinco, dos quais nove franceses, nove alemães, três ingleses, dois italianos, um dinamarquês, um russo. Em seguida, enumera mais quarenta e três pensadores das mais variadas tendências e esferas científicas. E temos aí mais vinte e oito franceses, seis alemães, quatro ingleses, e um de cada uma das seguintes nacionalidades: Itália, Dinamarca, Rússia, Suécia e América do Norte. Ao todo, setenta e sete grandes homens que deram muito de seu esforço e de seu gênio a refletir sobre o fato mais indissolivelmente ligado ao gênero humano e à sua história. Desses, quarenta e um franceses; dezenove alemães. Certamente, qualquer outro fará listas diferentes, a começar pelo modesto autor deste artigo que melhoraria o equilíbrio entre os dois que vão à frente. Mas duvido que alguém pudesse modificar a situação de ambos em relação aos outros, não quanto à proporção, mas quanto à posição na fila, principalmente levando-se em conta não só o número de nomes mas o peso desses nomes.

Tratando da

"influência da historiografia da religião sobre o ideal do conhecimento histórico",

passa Ernest Cassirer em revista uma série de nomes notáveis da historiografia das religiões a partir do século XVII, mas é interessante observar quais os nomes que selecionou para completar o título do capítulo em que discorre sobre o assunto, por sinal o último capítulo

(15). — Henry Duméry, *Critique et Religion. Problèmes de Méthode en Philosophie de la Religion*, Paris, 1957, págs. 12-13.

da sua monumental obra sobre a história do nascimento, crescimento e maturidade do racionalismo moderno, *O Problema do Conhecimento*. Os nomes são David Frederick Strauss, Renán e Fustel de Coulanges (16).

Falando do período do Iluminismo, outro especialista, desta vez em História das Religiões, G. van der Leeuw (17), cita alguns nomes extremamente importantes, dentre os quais sublinha Meiners, pesquisador da religião, de Gotinga, que ele considera

"o primeiro fenomenólogo consciente, e Benjamin Constant, o maior pesquisador e de maior influência na época da Ilustração".

Não pretendo alongar-me nesta digressão (18). Recordando o comum *background* de preocupação filosófica de alemães e franceses em torno do problema religioso, não só da questão da existência de Deus, mas da explicação do "sentimento" ou da "experiência" religiosa do ser humano, outro objetivo não visava senão chamar a atenção para a diversidade de atitudes dos meios universitários das duas nações para com a nova disciplina que em toda a parte do mundo acabou por exigir um lugar nos currículos, desde as mais famosas às mais modestas.

Por que razão demoraram tanto os alemães a dar acolhida à nova ciência nos seus currículos universitários?

A tentativa de resposta a essa pergunta procuraremos da-la noutra artigo, porque escapa aos objetivos do presente estudo.

O progresso assombrosamente rápido das ciências humanas, o interesse pelas coisas do homem expresso pelas mais variadas denominações encontradas pelos pesquisadores para as suas novas disciplinas, como a arqueologia, a antropologia, a psicologia, a sociologia, a filologia, a geografia, a linguística, a etnologia, a paleografia, e, por fim, a própria história em sua nova acepção científica, considerando todas as outras como suas "auxiliares"; por outro lado, o fantástico desenvolvimento das ciências bíblicas e teológicas, e a paralela evolução das pesquisas filosóficas em torno da epistemologia, da teoria do conheci-

(16). — Ernst Cassirer, *El Problema del Conocimiento*, vol. IV, págs. 413 ss.

(17). — G. van der Leeuw, *Fenomenología de la Religión*, tradução espanhola, págs. 658-662.

(18). — Apenas como sugestão de consulta sobre o tema, lembraria o seguinte bibliografia: Elizabeth M. Fraser, *Le Renouveau Religieux d'après le roman français de 1886 a 1914*, Les Belles Lettres, Paris, 1934; Kalr Löwith, *The Revolution in 19th Century Thought*, Constable, London, 1955; Richard Kroner, *Speculation and Revelation in Modern Philosophy*; James Collins, *God in Modern Philosophy*, London, 1959.

mento, da lógica e da metodologia científica; as descobertas e traduções de preciosos documentos da história da humanidade, particularmente aqueles relacionados com a vida religiosa na Antiguidade; tudo isso não podia deixar de exigir o aparecimento de uma nova ciência histórica, imensamente vasta em suas pretensões e extremamente útil em seus objetivos..

Na realidade, seria difícil estabelecer uma ordem cronológica de aparecimento de todas essas ciências. Vieram surgindo juntas, existindo-se reciprocamente.

Quanto à França, escolhemos uma data bem significativa: 1879. Não porque nesse ano nasceu Einstein, nem por ter nele descoberto Pasteur o princípio das vacinas ou por se ter estabelecido o ensino primário laico na Bélgica. Mas simplesmente por dois incidentes de grande repercussão na História das Religiões. O primeiro foi a fundação em Lyon, pelo rico industrial e filântropo Émile Guimet, de um *Musée des Religions*, com admirável coleção de documentos da vida religiosa de muitos povos, sobretudo asiáticos, que o inteligente milionário generosamente doou à sua pátria. Dez anos mais tarde, foi transferido para Paris, recebendo o nome de seu fundador. Presidiu à solenidade de instalação do *Musée Guimet* o próprio Presidente da República, Sadi Carnot, em 20 de novembro de 1889 (19). Em 1900 a biblioteca do Museu já continha 24.126 volumes. Num salão de conferências cursos regulares são desde então dados. O segundo episódio foi o debate, no Parlamento, em torno da idéia da criação de uma cátedra de História das Religiões no *Collège de France*. A proposta foi feita na Câmara dos Deputados por Paul Bert, cientista, professor da *École des Hautes Études* e então deputado pelo *Département de l'Yonne*, e futuro Ministro de Instrução Pública no Gabinete de Gambetta. Não sofreu oposição séria essa proposta. O próprio Ministro de Instrução, Jules Ferry, defendeu a idéia no Senado, mas aí o administrador e também professor do *Collège de France*, sr. Laboulaye, veementemente se opôs à inovação. Os temores do sr. Laboulaye fundavam-se na certeza que tinha de que tal cadeira se transformaria em verdadeira *machine de guerre* e *chaire de combat*. Aqui estão suas próprias palavras. Segundo o testemunho do Conde de Alviella, o administrador do *Collège de France* considerava a cadeira como

(19). — É estranho que o "Tableau Synchronique" do excelente manual da Encyclopédie de la Pléiade — *L'Histoire et ses méthodes*, não faça referência à instalação do Museu Guimet em Paris, em 1889, não tendo esquecido o início da organização pelo fundador, em 1878, e a doação ao Estado em 1883. Cf. págs. 1625-1629.

"déplacée et dangereuse: un cours d'histoire des religions ne lui disait rien qui vaille; il y flairait une "machine de guerre", une "chaire de combat". Si le titulaire de cette nouvelle chaire devait exclusivement s'occuper des religions anciennes, il y ferait double emploi avec les professeurs d'egyptologie, d'assyriologie, de Sanscrit, d'hébreu, d'antiquités sémitiques, etc., avoir la compétence spéciale de ces divers savants. Si, au contraire, il devait prendre pour sujet les religions actuelles, notamment la religion chrétienne, il lui serait impossible de rester impartial: "Ou vous croyez qu'ell est fausse, et alors tout vous semble absurde (20).

No entanto, a *Revue Scientifique* publica a propósito da questão, em sua edição de 1.º de fevereiro de 1879, um artigo invocando o exemplo dado por outros países ao incluir o ensino da história das religiões em suas Faculdades de Letras,

"à côté de l'enseignement de l'histoire general et de la philosophie".

Philosophic Positive, de maio-junho do mesmo ano, trouxe um artigo de Littré defendendo a mesma tese. A verdade é que a cadeira foi instituída, e seu primeiro titular foi, até sua morte, o Pastor da Igreja Reformada de França, Jean Réville.

Homenageado, em 1822, aquele que em 1879 conseguira a vitória da inclusão do ensino da história das religiões na Universidade de Paris quando era apenas deputado, a *Revue de l'Histoire des Religions* sugere ao sr. Paul Bert, agora Ministro da Instrução Pública, que introduza a mesma cadeira nas demais escolas superiores do país. Se o fizesse

"il aura l'honneur d'avoir fait pénétrer dans notre haut enseignement une des branches les plus fécondes de la connaissance historique, dont les philosophes, des historiens et les littérateurs de profession auraient dû réclamer depuis long temps la représentation" (21).

No mesmo sentido, a Revista publica no mesmo número um artigo do Prof. Vernes, da Secção de Ciências Religiosas da *École des*

(20). — RHR, VI, págs. 114-115. Resumo do opúsculo do Conde G. d'Alviella, publicado em 1882 sob o título *De la Nécessité d'Introduire l'histoire des religions dans notre enseignement publique*, publicado também pela "Revue de Belgique".

(21). — RHR, VI, pág. 122.

Hautes Etudes, batendo na mesma tecla. Diz ele, na sua argumentação:

"Comment enseigner avec précision l'histoire d' un peuple moderne ou d'un peuple ancien (...) sans une connaissance quelque peu sûre de l'histoire religieuse? Comment exposer l'histoire des littératures en gardant le silence sur celles de leurs parties qui on reçu une consécration particulière et forment les livres dits sacrés? Comment faire comprendre l'évolution philosophique sans rappeler perpétuellement ses rapports avec la religion et la théologie du temps?" (22).

A propósito da mesma questão, ainda o Prof. Vernes escreveu no anuário da Escola de Altos Estudos — (1916-1917) artigo intitulado *Caracteristiques de l'Ecole Pratique des Hautes Etudes, sciences religieuses, et sa place dans l'enseignement supérieur français*" (23). A secção de Ciências Religiosas fora inaugurada em 1885.

Vencida definitivamente essa batalha pelo enriquecimento do currículo universitário, inicia-se, dentro da família dos mestres da nova ciência, o debate quanto ao método, de que no começo deste artigo já falei. Na aula inaugural de 1886, o Prof. Vernes levanta o problema com a conferência, publicada logo a seguir pela editora Colin, num opúsculo in 8.º de trinta e uma páginas, com este título: *Les abus de la méthode comparative dans l'histoire des religions en général et particulièrement dans l'étude des religions sémitiques*. As idéias já haviam sido expostas na *Revue Critique* e opunham ao método comparativo o histórico que resumia desta forma:

"Cataloguer les documents, les textes et les faits relatifs aux différentes religions, soumettre chaque un d'eux, tour a tour, à ce que je voudrais appeler un épiluchage rigoureux, les dater et les classer le mieux qu'il est possible, en un mot amasser des matériaux de bonne qualité scrupuleusement verifiés (...)"

Se a tarefa de ontem foi conseguir para a história das religiões o lugar merecido no ensino superior, a de hoje, dizia o sr. Vernes, é

"d'imposer à la branche d'études nouvellement reconnue les règles d'une severe methode, d'une rigoureuse discipline".

A crítica principal que fazia ao método comparativo se resume nos seguintes pontos: tinha a "mania" de procurar as origens, procedia a classificações artificiais das religiões, procurava reconstituir árvores

(22). — RHR, VI, pág. 114-115.

(23). — Págs. 19-45.

genealógicas das religiões e abusar de chaves (*clefs*) para explicar as diferentes religiões existentes. O Conde d'Alviella replica que, desde a publicação, em 1825, dos *Prolegomena Zu einer wissenschaftlichen Mythologie* de Otfried Müller, o método histórico tão entusiasticamente preconizado pelo sr. Vernes vinha sendo seguido. Acrescentava que o estudo *comparativo* contribuía muito para a "compreensão" das religiões particulares, o que é muito importante, visto que

"la connaissance des dates et des textes ne nous donnerais jamais que le squelette des religions".

"Compreender", explica o Conde d'Alviella, significa ligar um fenômeno ou um acontecimento a suas causas e efeitos.

"L'épluchage des documents que réclame M. Vernes n'a d'autre raison d'être que de nous mettre en état de comprendre ainsi la religion à laquelle ils ressortissent, et il ne peut être pratiqué avec succès que par ceux qui, après avoir établi leur conception de l'évolution générale d'une religion sur les faits les mieux documentés, résolvent ensuite les questions critiques soulevées par les nombreux faits moins bien documentés, en se fondant justement sur leur conceptions générale de cette religion et de son évolution" (24).

Nesse mesmo ano, a secção de Ciências Religiosas da Escola Prática de Altos Estudos da Sorbonne contava já com pelo menos dez especialistas: Bergaigne (Religiões da Índia), Rosny (Extremo Oriente), Lefebvre (Egito), Maurice Vernes (Semitas), Hartwig Derenburg (Islão e Arábia), E.Havet (Origens do Cristianismo), Sabatier (Literatura Cristã), A. Réville (História do Dogma), Jean Réville (História da Igreja) e Esmein (Direito Canônico).

Por uma nota da imprensa, percebe-se que as críticas da oposição perduravam:

"La création d'une section des sciences religieuses à l'École des Hautes Études n'est en aucune façon une innovation antireligieuse. (...) il n'y a la moindre intention d'hostilité contre telle ou telle église ou contre les Facultés de Theologie subsistentes. Il ne s'agit nullement de faire oeuvre de propagande religieuse ou antireligieuse".

Tratando-se, continua a nota, de ciência e de livre discussão, as aulas não podem ser abertas ao público para que não tomem caráter polêmico. O método é de colaboração entre professores e alunos, na

(24). — RHR, XII, pág. 170 ss.

pesquisa, e não existe ensino *ex-cathedra*. Visa-se a iniciar os jovens nos métodos científicos, em que são indispensáveis a absoluta imparcialidade e serenidade científica (25).

Cem candidatos se inscreveram no início do curso nesse segundo ano de vida da nova secção, 1886. Ao final do primeiro semestre, alguns tinham cancelado a matrícula, provavelmente porque haviam imaginado algo diferente (26).

No ano seguinte, porem, o *Temps* noticiava que nesse terceiro ano de existência, o departamento de Histórias das Religiões contava com cento e dez inscritos, além dos quarenta do segundo ano. A título de curiosidade, reproduzo um pormenor dessa notícia. Os alunos distribuíam-se da seguinte forma: quanto à nacionalidade, oitenta e sete franceses, três russos, dois alemães, dois suíços, dois ingleses, dois canadenses e um de cada uma das seguintes origens: Polônia, Rumânia, Turquia, Estados Unidos da América do Norte, Japão, Chile, Espanha, Portugal, Bélgica, Haiti, Dinamarca e Noruega. Havia ainda trinta e seis alunos ouvintes matriculados cuja nacionalidade não se teve o interesse de publicar. Quanto à profissão, quinze não a tinham, dezessete eram estudantes de línguas orientais vivas, dezesseis eram alunos da Faculdade de Teologia Protestante de Paris, seis da de Direito, outros seis eram já bacharéis em Direito, quatro doutores em Direito, um abade, dois da Escola des Chartes, um da Politécnica, um professor da Escola do Louvre, um doutor em Línguas Orientais, quatro provenientes da secção de filologia, três *agregés* em letras, um em filosofia, oito estudantes da Faculdade de Letras, sete licenciados em Letras, um da Escola de Ciências Políticas, um médico, e cinco estudantes estrangeiros de origem escolar não divulgada (27).

Em 1900, a matrícula se elevava para 328 alunos que frequentavam seus dezesseis cursos distintos, sem contar os cursos livres. Nesses poucos anos, fora tão grande o interesse geral pelos estudos das religiões que mais duas revistas se haviam fundado em Paris, a *Revue d'Histoire et de Litterature Religieuses* em 1896 e a *Revue des Religions*, fundada por Paillasson em 1889.

No Congresso Internacional de Ensino Superior, em 1.º de agosto de 1900, a secção de História aprovou uma resolução a favor da criação de Cátedras de História das Religiões em todas as Universidades do planeta. Jean Réville, na oportunidade, lembrou que o estudo já feito noutros setores de pesquisa envolvia obrigatoriamente a ciência da religião, em todos os centros de altos estudos, no Louvre, na Escola

(25). — RHR, XIII, págs. 102. ss.

(26). — *Ibidem*, pág. 132.

(27). — *Le Temps*, 22 de outubro de 1887.

de Antropologia, na Escola Francesa de Atenas, do Cairo, de Roma, no *Collège de France*, na Escola de Altos Estudos, etc., e levara à convicção de que a ciência da História não pode ser feita sem que se consagre grande parte de suas pesquisas às religiões da humanidade.

À medida que se processava a evolução dos estudos religiosos na França, problemas surgiam, particularmente no âmbito axiológico. Não posso furtar-me ao prazer de citar um grande mas importante trecho do discurso proferido pelo professor Jean Réville por ocasião da aula inaugural, em 17 de abril de 1907, do curso de História das Religiões no *Collège de France* daquele ano. Assim se exprimiu:

"Mais la tolérance n'implique pas le dédain. Cette même histoire des religions qui nous enseigne qu'il n'y a aucune forme religieuse déterminée pouvant prétendre à une valeur absolue, nous apprend, d'autre part, que la religion, sous ses formes infiniment variées, a toujours joué un rôle capital dans la vie individuelle et sociale des hommes et qu'il faut fermer les yeux à l'évidence pour ne pas reconnaître en n'elle un des facteurs essentiels de la destinée humaine."

"Quand j'étudie les peuples de civilisation primitive, je constate que leur vie tout entière est dominée et déterminée par des conceptions et des pratiques religieuses; quand je passe à la cité antique, je constate que le lien de la cité, de la nation, comme jadis celui du clan ou de la tribu, est un bien religieux et que les rites religieux sont étroitement mêlés à tous les actes de la vie privée et publique; quand je porte mes regards vers les grandes civilisations de l'Orient, je constate que ce qui les distingue respectivement ce sont leurs religions et que l'histoire religieuse seule procure l'intelligence de leur histoire générale; quand je reviens vers ce coin privilégié du monde où nous vivons, vers l'Europe, je constate que c'est la lutte entre une religion nouvelle et les religions antérieures en laquelle s'achève la société antique, que plus tard c'est la religion qui se fait l'agent de la civilisation commençante auprès des barbares, que c'est le duel entre les deux grandes religions monothéistes qui domine l'histoire du moyen âge, qu'à la Renaissance l'effort de l'esprit nouveau aboutit à un grand drame religieux, que la vie tout entière de notre société occidentale a été pénétrée de religion pendant dix-sept siècles et que depuis deux siècles le grand, le vrai conflit qui se déroule à travers les vicissitudes de notre histoire contemporaine, c'est celui des institutions religieuses traditionnelles et de l'esprit moderne scientifique et démocratique, — et il se trouverait un seul homme réfléchi pour conclure de là que les phénomènes religieux ne sont qu'un ramas-

sis de superstitions, — d'erreurs ou d'absurdités et que la religion est une forme sans valeur de la vie humaine? Qu' en pense ce que l'on voudra, en bien ou en mal, mais en vérité que Ton s'insurge pas contre le témoignage écrasant du passé tout entier de l'humanité en déclarant que ce n'est rien du tout et qu'il n'y a plus là un objet d'études digne de la science moderne!

Ce n'est donc pas en vertu d'un préjugé confessionnel quelconque ni par une sorte de tare héréditaire que je crois à la valeur de la religion dans la vie individuelle et dans la vie sociale; c'est à cause des études mêmes auxquelles je me consacre depuis que j'ai Page de raison. Bien loin de redouter que ces études paraissent vaines et sans objet pour n'importe quel esprit capable d'un peu de calme réflexion, je suis tout au contraire effrayé de leur complexité et de leur immensité. L'histoire des religions! c'est l'histoire de l'humanité entière, l'histoire de l'âme humaine depuis ses origines, dans le travail incessant de ses aspirations les plus sacrées et de ses besoins les plus profonds, avec la variété infinie des institutions, des croyances et des pratiques par lesquelles, à travers le temps et l'espace, elle a cherché à leur donner satisfaction (28).

O problema da importância da difusão da nossa ciência no ensino público da França, continuou preocupando até o momento presente altos espíritos na esfera universitária. Muitos têm tratado do assunto em conferências na *Société Ernest Renan*, como G. Belot (1920), Henri Berr e Masson-Oursel (1921). Este último declarou que não só para se tornar mais conhecido o Cristianismo, mas também o Islamismo, e não só para se conhecerem as religiões, mas para se iniciar no estudo da filosofia. Afirmou ele:

"Il n'y a pas de haute culture là où manque le sens de la spiritualité". É necessário aproveitar a "opportunité et possibilité d'introduire des notions d'Histoire des Religions dans l'exposé du Programme de la Classe de Philosophie". E acrescenta: (...) c'est à l'époque de la plus grande maturité des élèves qu'il conviendrait de leur donner une saine notion des choses religieuses". Diz mais: "(...) l'histoire des idées ne se comprend guère, excepté en des périodes restreintes et récentes, indépendamment de l'histoire des croyances." Falando especificamente da Filosofia, afirma o grande sábio: "Le professeur de philosophie ne doit pas méconnaître que le passé de l'esprit humain a été un passé religieux, et que la pensée indépendante hésite des problèmes qui ne se

(28). — R. H. R., L V, págs. 189-192.

trouvent nulement résolus par le seul fait qu'on les transpose en un autre langage. Le pire préjugé serait ici de croire que les questions religieuses sont forcément des questions brûlantes, c'est-à-dire auxquelles ou se brûle." Para Masson-Oursel, o professor de filosofia deve ser "un initiateur de spiritualité" (29).

Vejam agora o que se passa do outro lado do Reno.

A Alemanha é o berço de um grande número de ciências ligadas à pesquisa moderna da Bíblia, tanto do ponto de vista literário, linguístico e histórico como teológico e exegetico. Quanto à História, foi lá que, segundo o juízo imparcial de um competente crítico francês, teve origem a verdadeira ciência histórica moderna (30). E de lá veio precisamente no terreno das questões religiosas e filosóficas, profunda influência sobre pensadores de nossa língua, como, por exemplo, Antero de Quental. Basta lembrar um trecho do belo ensaio de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos sobre *Antero e a Alemanha* publicado no volume *In Memorium* que a Antero dedicou a *Revista de Portugal*, Porto, 1896; o testemunho de outro contemporâneo do Poeta a propósito da vida acadêmica em Coimbra, Basílio Teles; e, por fim, o autorizado parecer do sábio mestre Joaquim de Carvalho.

Escreveu D. Carolina Michaelis de Vasconcelos:

Possuía (Antero) a *Ética* de Spinoza, a *Monadologia* de Leibnitz, a *Crítica da Razão Pura* de Kant, assim como a da *Razão Prática* as obras de Hegel, a *Philosophia do Inconsciente* de Hartmann, o *Materialismo* (30a) de Lange, a *Philosophia grega* de Zeller, o magnífico livro de consulta de Ueberweg e o pequeno manual de Schwegler; e lera ainda de Schopenhauer a obra: *Die Welts als Wille und Vorstellung*, de Büchner: *Força e Matéria*, assim como grande parte dos trabalhos de Haeckel e de Dubois-Reymond. OS seus informadores e inspiradores em questões religiosas eram Max Müller, Baur, o fundador da Escola crítica de Tübingen, David Strauss, Feuerbach, Pfleiderer e Harnack; apreciava os escritos de Schleiermacher e recorria a miúdo ao excelente compêndio de história eclesiástica de Hase. Para as ciências políticas e sociais estudara Bluntschli, von Treitschke, e os Annaes de Richter. Os seus guias em literatura greco-latina foram Otfried

(29). — RHR, LV, págs. 179, 183, 188, 189.

(30). — "Mais c'est à Allemagne que revient sans conteste le mérite d'avoir ouvert les voies de la science historique, fondée sur la philologie et la critique rigoureuse". Georges Gusdorf, *Introduction aux Sciences Humaines*, Paris, 1960, pág. 414.

(30a). — Deve ser à *História do Materialismo* a referência da Autora...

Müller, Curtius e Teuffel. A história romana de Niebuhr e a obra-prima de Mommsen eram-lhe familiares assim como o admirável livro de Burckhardt sobre a Renascença e a *História dos Papas* de Ranke" (31).

Basílio Teles assim se exprime:

"Primeiro, vinha um desfilar de nomes bárbaros, desconhecidos, ferindo àsperamente o nosso ouvido — Strauss, Feuerbach, Fichte, Hegel, Müller, Bopp, Diez, Creuzer, ao lado de outros mais gratos a meridionais de nervos delicados — Quinet, Michelet, Baudelaire, Leconte de Lisle, Taine, Balzac, Burnouf, Renan... Em seguida, *ciências inverosímeis*, desvairadas, exatamente como aqueles caminhos cujas complicadas trajetórias expunha à admiração dos coevos o nosso cronista do século XVI — Glotologia, Filologia, Simbólica, Mitologia, Exegese, *Ciência das Religiões*, Etnologia, Antropologia, Arqueologia, Paleontologia; fatores recentes, ainda vagos mas enormes, de profundas transformações sociais, talvez em futuro muito próximo comunismo, colectivismo, socialismo catedrático, com os seus pontífices Marx, Schaeffle, os seus paladinos Proudhon, Lassalle, os seus videntes Saint Simon, Fourier; e novas modalidades da Arte — naturalismo e realismo, observação e documentação, contrapondo-se às concepções anemiadas e pálidas do romantismo moribundo. Logo após, desenterrados de sob os escombros do tempo, como fósseis gigantescos de sob as camadas terciárias, monumentos veneráveis de velhas civilizações desaparecidas — Vedas, Puranas, Mahabarata, Ramaiana, Leis de Manú, Pantchantra, Avesta. Por último, fórmulas inéditas do pensamento científico e filosófico — equivalência e conversão das forças físicas, unidade e indestructibilidade da energia e da matéria, darwinismo e transformismo, positivismo e monismo, teoria do progresso, *e mais tarde pessimismo e budismo*. Não era já uma corrente; era uma genuína inundação de sabedoria e cultura, soltada sôbre nós por mãos frenéticas" (32).

E, por fim, ouçamos Joaquim de Carvalho:

"Nesse tempo, a Universidade conheceu a geração mais iconoclasta do século passado. O desprezo pela Minerva oficial,

(31). — *Ob. cit.*, pág. 396-397.

(32). — Basílio Teles, *Do Ultimatum ao 31 de janeiro*, apud José Bruno Carreiro, *Antero de Quental. Subsídios para a sua biografia*. Lisboa, 1948 — vol. I. págs. 109-110.

pelas fórmulas universitárias, pelas tradições, era olímpico, traduzindo-se por um divórcio entre as aspirações do ideal e o espetáculo de um mundo tépido, de costumes e atitudes sem alma, quando não eram simplesmente ridículas. Por esta época, os homens públicos coincidiram numa aspiração idêntica: a política da pequena burguesia, à qual Júlio Dinis deu uma vibração emocional com os seus romances, e a das vias de comunicação. Coimbra viu-se então ligada pelo caminho de ferro ao país e à Europa, e esta ligação foi um instrumento admirável de europeização. Com pequeno intervalo divulgam-se e discutem-se as novidades, e sobretudo Paris inundava o burgo universitário com os livros de Michelet, Proudhon, Renan, Edgar Quinet, Leconte de Lisie, Taine, Littré, e com as traduções de Heine, Feuerbach, Goethe, Büchner, Hegel. Era um mundo novo que surgia perante estes jovens, que tiveram, como raras gerações, as pupilas abertas e os ouvidos atentos. Este mundo tinha uma fisionomia de traços nítidos, de modelação fácil, mas a sua vida interior era exuberante, de virtualidades indefinidas. O mundo tradicional, do romantismo literário e da filosofia da ordem, — a ordem tinha então a sua filosofia e a sua sociologia, não se efetivando apenas pelo agente da autoridade, — era dominado pela categoria do ser, do estavel".

Disse-o Renan, no feroso livro da juventude que é o *Avenir de la Science*:

"Outrora tudo era considerado como sendo: falava-se do direito, da religião, da política, de uma maneira absoluta".

Em oposição a esta visão de um mundo consolidado, o mundo novo aparecia dominado pelo devir, pela mobilidade, pelo relativo, numa palavra, pela idéia de evolução. É sob este ângulo que se vêem as coisas e as sociedades, que se observam os homens, e se examinam os produtos da sua fantasia e da sua razão. A verdade já não é retilínea, mas sinuosa. O homem decai de rei da criação, um mito, para simples parte de um todo, e como que uma universal necessidade comandava a natureza e a história. Deus perde a Transcendência, para devir a categoria do ideal, mobil na sua essência, e perante essas ruínas imensas uma única crença persiste: a religião da ciência e a fé no progresso indefinido do espírito humano.

"Orientados por estas idéias gerais, os mais belos espíritos têm a sensação de devassar uma terra incógnita. Os filólogos, em demanda das origens, para surpreender as evoluções, estudam as línguas mais antigas, os textos mais primitivos. O primitivismo tornou-se moda, e não apenas na filologia, senão em todas as manifestações históricas da humanidade. As religiões, em particular, são estudadas e explicadas naturalmente, e algumas vezes co-

mo mito, onde se espelham maravilhosas imagens da natureza, acessíveis à compreensão do *homo credulus* da infância da humanidade" (33).

Em face, pois, de tão grande influência da Alemanha por toda a parte compreende-se que, no Congresso de História das Religiões realizado em 1900, Jean Réville tenha abordado o fato para ele incompreensível, de que, enquanto por todo o mundo as Universidades abriam as suas portas aos estudos científicos sobre as religiões, a Alemanha, sempre pioneira, mantivesse as suas Universidades fechadas à nova ciência. Harnack no discurso reitoral da Universidade de Berlin, em 3 de agosto de 1901, respondeu, com certa ironia, às dúvidas de seu colega francês. Os alemães, dizia ele, preferiam evitar diletantismo em assunto tão sério, e queriam ocupar-se exclusivamente da religião da Bíblia porque conhece-la é conhecer as demais, visto que a religião bíblica "é a religião". Além de tudo isso, importava não esquecer que as Faculdades de Teologia, onde naturalmente, nas Universidades, a nova disciplina deveria obrigar-se, estavam obviamente sujeitas ao Estado e seria pouco sensato procurar motivos de atrito ou desentendimento com este. Réville retrucou, não com menos ironia, que se pode fugir ao diletantismo mesmo sem ser especialista, e que, para se conhecer verdadeiramente a religião bíblica é necessário conhecer as outras. Terminava confessando que se comprazia em verificar que se gozava de mais liberdade na França. . .

Confesso que, ao ler os respectivos discursos, tive a impressão de que começava a desvelar-se um mistério que sempre me preocupara: por que motivo Max Müller se fixara na Inglaterra e, sobretudo, por que se tornara cidadão britânico? Mas isto é outro assunto, e não tenho nenhuma definitiva resposta ainda para a pergunta.

A verdade é que, entretanto, dez anos mais tarde, quando o famoso autor da *História do Dogma* estava no auge de sua brilhante carreira, foi o Prof. Otto Pfeleiderer, seu colega na Universidade de Berlin, encarregado da cadeira de *Religionsgeschichte* para a qual foi também chamado o Prof. E. Lehmann, da Dinamarca, e, na mesma ocasião, assumiu o posto na Universidade de Leipzig o erudito e sábio arcebispo luterano de Upsala, Söderblom.

Ao que consta, Adolf Harnack recusou-se a ocupar, na sua Universidade, a cadeira de História das Religiões. Infelizmente não estou certo se foi na época da discussão com Réville ou se, o que acho mais provável, foi quando a cadeira foi finalmente introduzida em Berlin, para a qual foram convidados professores estrangeiros, como vimos.

(33). — Joaquim de Carvalho, *A Evolução Espiritual de Antero*, apud José Bruno Carreiro, *ob. cit.*, vol. I, págs. 110-111.

Agiria por coerência. O que é certo é que foi na primeira das ocasiões referidas que Harnack deu razão de sua atitude, ao dizer que

"das Studium der Christlichen Religion ersetzt nahezu das der übrigen Religionen. Wer diese Religion nicht kennt, kennt keine, unt wer sie kennt, kennt alle". (O Estudo da religião cristã substitui, por assim dizer, o das outras religiões. Quem não conhece esta religião não conhece nenhuma, e aquele que a conhece, conhece as outras" (34).

Em 1914, sob os protestos de Deissmann, a cadeira foi transferida, em Berlin, da Faculdade de Teologia para a de Filosofia. Alguns estrangeiros continuaram a ser convidados a lecionar a nova ciência: em Goettinga, o suíço A. Bertholet; em Münster, Th. Simon.

E, assim, se instalou a grande nação alemã, com a fantástica erudição e saber de seus mestres e de suas Universidades e institutos, na mansão imensa das que hoje, em todos os continentes, se empenham em aprofundar os mistérios da existência humana através do melhor conhecimento de suas crenças e experiências religiosas (35).



JORGE CESAR MOTA. — Nasceu em Lisboa, Portugal, em 5 de abril de 1912. Naturalizado brasileiro, bacharelou-se em Teologia pelo Seminário Presbiteriano de Campinas em 1937, licenciando-se em 1938. Ministro da Igreja Presbiteriana por muitos anos, em São Paulo, lecionou em vários seminários teológicos (São Paulo e Lisboa) e participou de inúmeros congressos internacionais da Federação Mundial Cristã de Estudantes e do Conselho Mundial de Igrejas, na Europa, na Ásia e na América. Bacharelou-se em Filosofia pela Universidade de São Paulo em 1959 (Licenciado em 1960), vindo a ser professor de vários estabelecimentos de ensino de São Paulo, principalmente do Instituto Mackenzie, do qual foi também Capelão e Diretor do Departamento Cultural por sete anos. Foi professor da Universidade Mackenzie e de outras Faculdades, destacando-se a de Assis (História da Filosofia e Filosofia Geral). Professor no Departamento de História da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo desde 1964, responsável pela disciplina História das Religiões e colabo-

(34). — Apud H. Kraemer, *La Foi Chrétienne et les religions non chrétiennes*, Delachaux et Niestlé, Lausanne, 1956, pág. 30.

(35). — Sobre a singular atitude das Universidades alemãs, ver ainda H. Pinard de la Boullaye, *ob. cit.*, vol. I, pág. 352,

rando na de História Medieval. Doutorou-se pela Universidade de São Paulo em Ciências Humanas (História) em 1973, sendo atualmente responsável por cursos de pós-graduação em História Social na mesma Universidade.

Trabalhos publicados: *A Pérola das Orações* (estudo sobre o Pai Nosso); *A Interpretação da Bíblia Sagrada* (ensaio de hermenêutica bíblica); *Laudate Deum* (liturgia); *Liturgia* (co-autoria); *Venite Exultemus* (co-autoria); *Tito, meu Filho* (comentário sobre o texto original da carta de São Paulo a Tito); *Cadernos de Sociologia, Introdução à Lógica Formal, O Corão no Cancionero de Dom Miguel de Unamuno, A Religião na obra e na personalidade de Antero de Quental, A estrutura formal na argumentação de São Paulo e as suas possíveis relações com a lógica estóica*. Autor de um grande número de verbetes sobre história das Religiões na *Grande Enciclopédia Delta-Larousse* e da *Enciclopédia Mirador*. Além de outros trabalhos em preparo, tem pronto para o prelo o livro escrito a partir da sua tese de doutoramento, intitulado: *Dom Miguel de Unamuno e a Bíblia*.